

# RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR: ARO. JERÓNIMO REIS	REDACTORES: ANTÓNIO GAIO CARLOS P. MORAIS	DIRECTOR <i>Higino Augusto Pires</i>	PROPRIEDADE DA A. A. E. (SECÇÃO CULTURAL)	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA 11-104 - ESPINHO
-------------------------------	---	---	--	--

Composto e impresso — TIP. PROGRESSO - ESPINHO

AVULSO 2\$00

ANO II N.º 18-31 de Dezembro 1948

## EDITORIAL

### PAZ E TRANQUILIDADE

Nesta quadra de egrégia e secular comunhão entre os Homens, hoje gosada sob um inquietante potencial de incertezas que lhe restringe o significado, olvidemos os males externos e façamos cair em nossas almas um pouco de Paz e Tranquilidade. Abracemos num grande amplexo os nossos jovens companheiros de trabalho, os nossos colaboradores, os nossos associados e toda a Família Espinhense sem distinções. Façamos a diligência por nos irmanarmos cada vez mais, e, em pacífica e consciente tranquilidade, entremos no ano de 1949 com a noção exacta de que no dealbar do 50.º Ano de existência do nosso Concelho — 11.º da Associação Académica de Espinho — são precisas não só as grinaldas festivas que alindarão a nossa vila, como também os suavizantes ornamentos d'alma que contornem os motivos de divisão da nossa Família. Assim, se dará ao Ano das Bodas de Ouro o aconselhável tom de fraterno Ano de Harmonia entre os espinhenses.

E o apelo que aqui deixamos expresso, rodeado da usual sinceridade e veemência não exclui ou impede a crítica honesta e indispensável, evitando a possibilidade de ver-se a harmonia desejada transformada numa Paz Podre de tão nefastas consequências como ao que até aqui temos suportado por carência dessa crítica. Sejamos um pouco altruistas e coerentes e poderemos estender a mão uns aos outros sem reservas ou rancores, embora a atitude não signifique, de modo algum, um recuar na posição adquirida, ou no conceito existente nos jovens espinhenses de que Espinho será o seu *Cantinho de Amanhã* e de que portanto a sua interferência deve ser apreciada e até auxiliada.

Esqueçam-se pois os fulgores rápidos das situações actuais e entremos na Harmonia essencial ao benefício e engrandecimento da nossa Terra e de seus Filhos.

E quando se tornar preciso, em Paz e Tranquilidade, estaremos sempre presentes, por um Espinho que ainda não usufrui de todas as benesses progressivas a que tem jús.

Higino Pires

## Por Espinho

Nota-se em Espinho grande interesse pela data que se aproxima em comemoração do 50.º aniversário da sua independência administrativa.

Tal facto não deixa de interessar, de igual modo, todos os espinhenses natos e, ainda, quantos, sendo amigos da terra, vivem fora do torrão natal ou que também lhe dedicam afeição.

O nome de Espinho é hoje em dia de repercussão internacional. Em todos os continentes

há quem recorde com saudade os belos tempos aqui vividos; a alegria e o bulício da sua época de verão; a espiritualidade das tertúlias em que pontificavam Manuel Laranjeira, Miguel de Unamuno, José del Carracido, Antero de Figueiredo, João de Barros e tantos outros nomes ilustres de catedráticos e de jornalistas insígnies dos quais citarei, tão somente: Pedro Gazápo, Luiz Taboada, José Vicenti, José

Continua na pág. 5

## A SINETA DA NEVE

por José de Roure

Já passaram muitos anos; mais do que os que eu quisera. Tinha quinze ou dezasseis, e advinhava, da vida, tudo menos o tédio. Triste umas vezes e outras alegre, sem causa mais definida para aquelas tristezas do que para estas alegrias, nas horas melancólicas e nas horas risonhas era ditoso sempre, porque a melancolia é, ao princípio da nossa existência, à maneira de amargo abrindo-nos o apetite do prazer, e o riso da juventude crê-se eterno, porque brota espontâneo, como se não houvera mananciais que brotam, hoje, copiosíssimos, debilitam-se logo, e desaparecem, por fim, ou se extravazam nos profundos seios da terra.

Era eu, pois, como temos sido todos nessa idade, um pouco poeta e muito parecido com aqueles rapazitos atenienses a quem desvanecia o laurel dos jogos olímpicos; a vida representava-se-me como um formoso espectáculo e, sem desconhecer suas fadigas nem esquecer-me dos seus golpes e feridas, ensurdeciam-me o rumor dos aplausos, o estalar das aclamações; e, sobretudo, já-mais pensei que, aos vencedores olímpicos, pudesse vencê-los esse inimigo tenaz e invisível que se chama o Tédio, como já-mais a Primavera pensará, apesar de adivinhar a violência do furacão e a fúria da névum tempestuosa, que sobre os seus ramos floridos há-de cair, por fim, a neve, a neve lenta, tenaz, silenciosa, monótona, que tudo apaga, que tudo funde que tudo desfaz.

Vivia eu, então, com minha família, numa formosa capital

do Norte que, à semelhança das pessoas que dormem muito, conserva uma perpétua juventude; os seus invernos começam quando ainda os vindimadores nos outros países não cortaram os primeiros cachos, e não acabam senão frente ao sol de Julho e como que envergonhados de durar tanto tempo. E essa cidade ditosa dorme o seu largo sono invernal sob o manto de neve ou a crosta luzente da geada, sem que nada a inquiete nem perturbe como formosa estátua jacente de mármore branco, duro e frio.

Para preparar-me para as grandes lutas e para os grandes triunfos da vida, devorava eu, curioso, nas bibliotecas, livros e mais livros: história, filosofia, artes, as obras sublimes dos poetas, dos pensadores, narrações de viagens, estudos sociais, descrições do nosso mísero organismo, novelas, sátiras, áridas matemáticas. Quanto produziu o engenho humano, passava ante mim em desordenada leitura, deixando no espírito mais o ritmo do que a melodia, mais o acorde confuso do que a ideia definida e clara. A noite invernal brindava-me com o silêncio das suas longas horas para essas orgias de leitura, e, sentado junto dum fogão bem abastecido, só levantava os olhos das páginas do livro para fixá-las nas chamas do fogão, vendo-as crescer, cubiçosas sobre, os esbrazeadas e cruzados troncos, como crescia a chama do meu espírito sobre os ensinamentos e as belezas devorados por mim com mais

Continua na pág. 3

«RUMO» e e

Direcção da A. Académica de Espinho

Desejam aos seus sócios, amigos, assinantes e colaboradores Boas-Festas e Feliz Ano Novo.



**CONTO DOIDO**

Nadia Warroschenko era uma estranha presença na Palace Hotel. Alta, loira, Nadia era, positivamente, uma figura deslocada na atmosfera latina que se respirava no aristocrático Hotel.

Diziam-na refugiada e de origem polaca.

Diziam-na multimilionária e de raça fidalga. Mas pela sua conduta, pelo seu mutismo, pelo seu divórcio com a sociedade, Nadia mantinha-se o segredo insondável.

Quando surgiu o príncipe Popeline Bokote, com o seu galgo russo e sua espingarda de 2 canos, Nadia Warroschenko passou a figura de segundo plano. Pois o Príncipe Popeline, de sangue azul, da Família dos Kronlins e dos Wungsteins, da Lapónia, era um elegante, um figurino, um dernier-cri masculino.

Nadia Warroschenko tinha um pequeno ar sentimental. Adorava Wagner, Bach e lia Papini, com um ar de tédio, de spleen, de aborrecimento atroz. O Príncipe Popeline Bokote era um apreciador do bom vinho do Porto e adorava a Mulher em geral e a Femea em Particular. Era um cínico no dizer Gabriela Mistral.

Pois no dia que o Príncipe Popeline Bokote viu pela primeira vez Nadia Warroschenko, admirou-lhe o corpo, pouco se importando com a alma.

E tendo conseguido uma apresentação por intermédio do general Paveloff, o herói nacional do Principado, iniciou o ataque à fortaleza. Mas Nadia tinha uma alma e um pequeno ar sentimental. Falou-lhe no Paí morto a tiro na revolução, na Mãe vítima do tifo e no tio que era reumático. Popeline chorou. As suas lágrimas, grossas como punhos, caíam no chão, num tom surdo: chapp! poff! chapp!

E quando Nadia acabou a sua história, cheia de horríveis perseguições, as lágrimas de Popeline tinham feito um lago. E como o Príncipe nem Nadia sabiam nadar, morreram afogados.

**Da Cobrança**

Iniciou-se a cobrança das assinaturas do corrente ano de «Rumo» e simultaneamente se observou a incompreensão de alguns dos nossos assinantes.

Alguns dos que normalmente recebem o nosso jornal só após a apresentação do recibo o devolvem — apenas devolvem o último exemplar recebido e os restantes ficam-lhe pelo preço da chuva — declarando que não pretendem ser assinantes porque o não solicitaram, porque há dois assinantes na mesma casa, etc., etc.

Outros vão adiando a liquidação do seu débito com promessas sucessivas de pagamento sem terem a coragem de confessar a sua impossibilidade financeira nem a honestidade de devolverem os jornais recebidos e não pagos.

Nós temos compromissos e pagamentos a satisfazer em datas certas e muito mal nos iria se seguíssemos o «simpático» exemplo de tão simpáticos assinantes.

A todos aqueles que compreendem o nosso esforço patenteamos o melhor e mais sincero dos agradecimentos; aos restantes só os lamentamos.

**Festas Comemorativas do 50.º Aniversário do Concelho de Espinho**

**Um prémio de 250\$00 para o melhor «PROGRAMA COMEMORATIVO»**

A Direcção de «Rumo» na intenção de emprestar ao «Programa Festivo», comemorando os 50 anos de existência do nosso concelho, o maior brilho, organiza um concurso entre os seus leitores regido pelas seguintes condições:

a) o «Programa» deverá ser elaborado apenas dentro de moldes realizáveis, sem grandiosidades inexecutáveis.

b) o «Programa» não obriga a originalidade, isto é, o autor pode colher elementos já conhecidos e até adoptar qualquer sugestão já posta neste jornal.

c) o «Programa» deve ser contudo apresentado fora dos moldes de festas basicamente populares.

d) o «Programa» deve incluir manifestações culturais, exposições, festejos populares, sessões solenes, sessões de homenagem, etc.

e) o «Programa» deve ser feito em triplicado, em papel para máquina, tamanho vulgar e dactilografado a dois espaços.

f) o original dactilografado deve ser enviado à redacção de «Rumo», assinado com uma divisa ou pseudónimo.

g) os duplicado e triplicado deverão ser enviados conjuntamente com o original, encerrados num envelope lacrado, tendo indicada a divisa no exterior e interiormente num cartão com o nome e morada do autor.

h) um júri idóneo classificará os trabalhos que serão publicados, se a Direcção de «Rumo» assim o entender.

i) ao trabalho classificado em 1.º lugar será entregue um prémio pecuniário de 250\$00.

Os trabalhos terão que ser entregues até 30 de Janeiro.



Se tudo correr bem, o Sporting de Espinho participará na segunda fase da disputa do Nacional da III Divisão de Futebol...

Todos os espinhenses estão muito gratos aos Bombeiros Voluntários de Espinho pela aquisição de uma nova ambulância...

O público que tem sido bombardeado com insistentes sorteios organizados pela barraca «Humanitária» gostaria de saber se de facto o resultado financeiro da sua exploração tem sido positivo para as agremiações que a possuem...

Os tubos «neon» que ornamentam a fachada do «S. Pedro» estão a pedir tratamento anti-anémico...

Há quem tenha a impressão que se está a «meter muita água» nas obras para abastecimento de águas a Espinho.

Nas assembleias do Sporting a preocupação de lavar «roupa suja» fará esquecer os reais interesses do clube...

Nestas coisas do desporto há muitos que esquecem o passado e com ele as pequenas faltas que agora são motivo para «gastas» Assembleias...

**PALAVRAS**

**CRUZADAS**

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

**HORIZONTALS**

- 1—Análise da alma
- 2—Reputado (pl.); espécie importante de macaco.
- 3—Sobrecarregar; mirar
- 4—Total; em referência
- 5—Existes; caminho; tempero
- 6—Pesarão
- 7—Tomba; arenito; letras de TNT
- 8—Consegui; dou saude
- 9—Tenebroso; arruaça (pl)
- 10—Esvoaça; aborreces-te
- 11—Peitara

**VERTICAIS**

- 1—Queda de viscera
- 2—Instrumento de tocar (pl); macaco americano
- 3—Também; animal feroz (pl)
- 4—Enrubescera; leva de rasto.
- 5—Pega; aperta; o mais
- 6—Ramagem
- 7—Outra coisa; tinja; semelhante
- 8—Ténue; apossel-me
- 9—Mergulhado; crava com puas
- 10—Jogo de cartas; estrondecer
- 11—Barragem eléctrica portuguesa; pronomme possessivo.

**HUMOR**

**MAXIMAS**

— Se tem o vício do cigarro e deseja terminar com ele, tem um remédio simples: Fume charuto!

— Um processo óptimo de ter sempre limpos os dentes, é não deixar sujá-los.

— Faça como eu. Nunca perca as noites. Perca os dias.

— Se tem alguma dúvida sobre a honestidade de sua mulher, adquira antes a certeza.

Há-de ser muito feliz com isso!

— Não venda a sua honra. Hipoteque-a!

— Esta é a história do Moço que querendo ver-se livre do Serviço Militar, cortou um dedo, e tendo ido à inspecção ficou livre porque tinha os pés chatos.

— Quebre a Monotonia atirando o seu automóvel contra um polícia sinaleiro!

— Esta é a história do Homem que tendo um sogro chamado «Leão», o visitava sempre vestido de caçador!

— Tenha personalidade. Se tem desejos de matar a sua sogra, porque o não faz?

— E o drama conjugal daquele homem se iniciou no dia em que a esposa se vestiu de vermelho...

— Era tão nobre que quando o médico lhe analisou a urina encontrou açúcar cristalizado.

— Porque é que diz: aquela mulher está abraçada por aquele homem? Porque não diz: aquela mulher abraçou aquele homem? Seja honesto nas suas observações...

**POR ESPINHO**

Continuado da pág. 5

seus problemas mais vitais e aspirações legítimas, Espinho, repito, vencerá sem dificuldade sucessivas etapas.

Os novos já estão tomando a seu cargo essas conquistas como herdeiros de um património recebido. Eles sentem bem a responsabilidade que pesa sobre os seus ombros. A sua vontade está bem definida em «RUMO». Norteia-os o sincero desejo de acertar. Pondo de parte interesses pessoais, pensam e defendem a obra a levar a bom termo, olhando ao progresso de Espinho que servem com a maior dedicação.

Gizaram já um programa — guarda avançada de realizações — que, se não puder considerar-se definitivo, como ideia inicial deve ser aproveitado. Fique-nos no entanto, a consolação pelo entusiasmo e bairrismo com que os novos, alguns homens de hoje e outros homens de amanhã, — demonstram e com uma imparcialidade digna de registo — o seu aplauso imediato às festas que vão celebrar-se em comemoração do 50.º aniversário da proclamação do Concelho de Espinho.

Felicito-os vivamente por tão feliz sugestão e deles espero a continuação de outras iniciativas.

Roberto Fernandes



31-12-48



## História de Natal

Naquela tarde fria a rua parecia outra. As pessoas bem vestidas falavam e riam como se todas fossem amigas. Davam-lhe muitas esmolas (a mãe ia rogar menos pragas). Tudo parecia diferente. Até o frio fazia doer mais. Ouvia falar em Festas e Natal. E isso lembrou a história que ouvira dum amigo que estivera em casa duns ricos. Entravam três reis, uma estrela muito linda e um menino que nascia num curral. Diziam que esse menino vinha salvar o mundo e acabar com os pobres, porque todos eram irmãos. Como seria bom se acabasse o frio e todos tivessem roupas e pão. Afinal, era uma história como as outras. Ali estava ele, cheio de frio e fome. Não havia irmãos.

Era já noite e a rua cada vez tinha mais gente e mais luz.

O frio parecia que cortava. Noite de Natal! Não, não podia gostar do Natal. Ouvia falar em festa mas ele não via bandeiras, nem música, nem foguetes. Gostava mais da festa do S. João. Não havia frio e os balões e os foguetes de lágrimas eram muito bonitos. A alegria era para todos, pobres e ricos. O Natal também tinha coisas lindas mas estavam guardadas nas montras, atrás dos vidros. Na verdade, o presépio, a árvore de Natal, os bonecos, os automóveis de corda, os soldadinhos, e os bolos doces coloridos eram mais bonitos que os balões de S. João, mas estavam para além dos vidros falsos e mentirosos que não deixavam tocar a sua felicidade.

A mãe do menino que pedia, baixou, cansada. A rua quase estava deserta, só existia a luz viva e brilhante que jorrava das montras.

O menino saiu da sombra e entrou na luz. Encostou a cabeça à montra que tinha um homem grande de brancas e formosas barbas, vestido de vermelho com um saco de brinquedos às costas. Era aquilo a que chamavam o Pai Natal.

Os olhos do menino poisaram nos brinquedos, cravaram-se nas cores vivas duma humilde bola. E, incrédulos (porque não sabiam o que era um pai), pediram ao velhote o brinquedo.

O Pai Natal era um boneco copiado do Homem. Também não tinha coração. Do seu alforge saía um palhaço trocista que parecia rir do desejo.

A dor e o desespero enrodi-lharam o pequeno coração. Revoltado, o menino saiu da luz e desapareceu na sombra...

A noite esburacada e fria estremeceu com o repicar festivo dos sinos, anunciando o nascimento do Menino-Deus. Elevaram-se os cânticos de amor, dando a Glória a Deus nas Alturas e a Paz na Terra aos Homens de

# TOIROS toiradas



## Da Exploração...

Quando determinado indivíduo ou indivíduos se propõem explorar qualquer ramo de «negócio», constitue condição necessária e imprescindível para que o mesmo possa ter consequências auspiciosas que haja da parte de quem a tal empresa se abalança, um conhecimento mínimo da «engrenagem» da qual o referido há-de constituir necessariamente peça fundamental. E como consequência auspiciosa deverá entender-se não só os lucros legítimos e de direito que deve auferir o negociante, como a satisfação mais ou menos plena de quem lhe alimenta e mantém a «casa». Hipoteticamente, porém, pode suceder que não haja da parte do principal interessado no assunto o tal «conhecimento mínimo» que lhe permita defender-se e contornar as diversas vicissitudes que se lhe podem oferecer.

Manda neste caso — que normalmente é o do endinheirado que lobra novos e chorudos lucros — o bom senso, que seja agregado à Empresa um elemento senhor dos segredos do ramo e que possa estar interessado no bom sucesso da questão, por sociedade ou contrato especial. Este «especial» tem, como muito bem entendem os leitores, diversas interpretações... e que cada um procure a mais inofensiva e menos atentatória da dignidade do Homem...

Consideremos, todavia, que, mesmo com o «contrato especial», há que contar, quanto mais não seja por optimismo, com a honestidade do «elemento entendido» que vai aconselhar o leigo e conduzir as «massas» do mesmo.

Mas, se nos deixarmos dominar pelo pessimismo, teremos que encarar pelo menos duas hipóteses respeitantes ao procedimento provável do conhecedor...

1.º — Estará sujeito a um «contrato especial» mas que ele, por quaisquer circunstâncias, transforma em «especialíssimo», acrescentando-lhe de conta própria algumas cláusulas sem conhecimento directo do capitalista

Boa Vontade. Perderam-se na noite. Não chegaram ao pequenino rebelde que acabara de nascer...

Esta é uma história de Natal. A história duma noite que jamais se apagará nas almas infelizes.

Esta é a história daquele ladrão que tu, leitor, acusas, daquela desgraçada que desprezas, daquele criminoso que condenas, daquele bebado que não perdoas.

Esta é a história duma vida que poderia ser melhor se, naquela noite, um menino tivesse ouvido e sentido os cânticos de amor do Natal.

Nuno Rangel

que o pode vir a saber por linhas travessas...

ou:

2.º — Mercê de estudo atento da personalidade e perspicácia do sócio ou patrão, verifica não lhe ser difícil, com um pouco de sacrifício, e repugnância, conseguir melhores proventos do que os que o usurário lhe destina...

Com o andar do tempo sempre se vão conhecendo novas coisas e vamos ficando senhores de segredos até aí não revelados. Surge então, com toda a evidência, a profundidade do rifão: vai-se aprendendo à nossa custa.

E das duas uma, ou esperamos o momento em que, senhores do assunto, possamos dispensar, reconhecidos, os «serviços inestimáveis» do nosso valoroso sócio ou empregado, ou então agradecemos-lhe do mesmo modo, referindo-lhe a mágua que nos causa o vê-lo perdido em tais andanças, quando o seu espírito fecundo melhor poderá servir causas ou ideias mais prometedoras.

E, meus amigos, quando se vai aprendendo à nossa custa, conhecendo factos de cariz semelhantes aos atrás referidos, se não procedermos daquelas maneiras só merecemos um rótulo cuja inscrição poderá ser qualquer coisa como: lorpa, anjinho, cretino, misantropo ou benfeitor de infelizes...

Isto apreciando o lado infeliz da questão. Observemos agora o seu possível lado asqueroso: algumas vezes o aspecto de ingénuo e de «bom moço» que certo indivíduo aparenta encobre e mascara uma personalidade forte e bem vincada com determinados objectivos a atingir...

O disfarce pode proporcionar vantagens apreciáveis a determinado fim oculto pois como também nos ensina um adágio: «num lado se vende o vinho e noutro se põe o ramo».

Talvez que uns cobres, que ele antecipadamente sabe não lhe renderem grande coisa (?) em determinado estabelecimento, lhes venham, por força das circunstâncias, a proporcionar lucros compensadores num outro — ainda que possivelmente menos honesto e decente — e para o qual há apenas que atrair a clientela...

E um dos processos de conseguir tal atracção pode muito bem consistir na circunstância dos dois estabelecimentos estarem situados na mesma rua, na mesma terra, ou até no mesmo país... de modo que a frequência dum possa reparar no Eldorado do possivelmente obeso e besuntado proprietário...

Certo é também que, mesmo explorando diversas actividades, o Homem pode ser consciencioso e probo em todas elas de tal sor-

## A SINETA DA NEVE

Continuado da pág. 1

cobiça do que o fogo devorando as suas amontoadas presas.

E enquanto o meu espírito e a chama levantavam aquela luta de resplendores, na cidade adormecida ia caindo silenciosamente a neve. Tenho de dizer que, próximo da minha casa, levantava-se não sei que edifício público e em seu telhado, sustentada por uma armação de ferro, mas sem cúpula que a cobrisse, a sineta de um relógio, ferida pelo golpe dum martelo, apregoava como um arauto as horas todas. Ao começar as minhas leituras, costumavam tocar as badaladas vibrantes, agudas como toque de clarim, pelo espaço recolhido; mas, conforme a noite avançava e a neve, caindo, lenta, cobria, por fim, toda a superfície da sineta, o som fazia-se cada vez mais ténue, mais opaco, mais confuso, e às altas horas da madrugada, já o martelo não feria o metal, mas sim uma espessa capa de neve, e, então, apenas produzia um som trémulo com algo não sei quê de ironia como as palavras dos velhos. Bem pudera eu adivinhar, ao ouvi-lo, a existência do tédio! Mas, para mim, nesse tempo, futuro lutador, esfomeado de vida, a sineta de neve com seus sons surdos e irónicos era, de qualquer modo, motivo de brincadeira desdenhosa. — «Que sonho a infeliz tem!», — dizia sem apertar os olhos, cansados mas não saciados, das páginas do livro. E esquecia-a, sob o seu capuz de neve. Pois bem, meu amigo: ouço-a, hoje, todas as noites. Quando a insónia me fatiga no leito e, para provocar o sono por meio de cansaço, evoco todos os acontecimentos felizes ou desgraçados da minha existência, e até chamo a terreiro as ambições da adolescência e até os desgostozinhos da meninice, ouço, logo, o som surdo e irónico da sineta da neve, que parece que sonha dentro de mim, e, ao ouvi-la, não desejo nem chamá-la, nem leituras, nem lauréis, mas só, apenas, dormir, dormir sempre como estátua de mármore duro e frio. Como dormia aquela cidade do Norte, enquanto, a mim, me despertava a grande curiosidade das coisas grandes da vida...

Inscrevendo-se como sócio da ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DE ESPINHO, cuida do seu futuro e colabora no engrandecimento da mais antiga colectividade do concelho

te que, o seu nome seja respeitado e considerado, justamente mercê daqueles predicados de que sempre fez e procura fazer gala... Mas se a questão for de facto asquerosa, o homem não olha a meios para atingir os fins e não se lhe importa o modo mais ou menos desrespeitoso e injuriativo com que possam referi-lo...

Quando se perde tudo, nada mais há a perder, e então trata-se de explorar proficientemente

Continua na pág. 2





## ACERCA DE FILMES que vamos vendo...

Quando há semanas atrás escrevíamos o artigo «Panorâmica Actual do Cinema» em que apontávamos, como devem estar lembrados, os males de que vinha enfermado o cinema americano, e dizíamos o que pensávamos, acerca das obras cinematográficas que nos foram dado ver, argumentando e ilustrando com opiniões de pessoas directamente interessadas no assunto, mal pensávamos que um dos nossos pontos de vista seria tão reforçado com a recente exibição de dois filmes. A projecção e o êxito que estes dois tiveram, mostraram aos descrentes que, de facto, o cinema italiano disfruta dum lugar de enorme relevo no mundo. O primeiro, já exibido no S. Pedro, «Viver em Paz», e o segundo «A Zaragateira». Acerca deste segundo filme, porque do primeiro já nos referimos, devemos dizer que, não sendo extraordinário, trata um assunto inédito, e é feito dum modo que choca a mais rija sensibilidade, pela maneira como é feito: real, novo, simples e explêndido.

Nesta época em que os assuntos pecam em grande escala pelo seu esgotamento, sendo neste caso os americanos os mais culpados porque se repetem imenso e nos dão verdadeiras injeções de coisas vistas e revistas, este filme é, como dissemos, novo e inteiramente diferente. Esta seria a sua maior virtude, se não fosse a enorme interpretação de Ana Magnani no papel da «Onorevole Angelina» que a levar o caminho que as outras levam... não deve tardar a mudar a residência para Los Angeles, Calif. Veja-se o recentíssimo exemplo que nos deu a Alida Valli, cujo aparecimento ao lado dos astros de Hollywood causou grande sensação na América.

A propósito, lembra-nos uma anedota que vimos numa revista americana: duas damas saem duma sessão de cinema cujo cartaz é um filme europeu. Comentário duma:

— Sim, esses actores estrangeiros não são nada maus, mas ainda não se comparam aos nossos Charles Boyer, Greta Garbo ou Ingrid Bergman...

Novos temas, novas artes, novas directrizes, é tudo que o cinema norte-americano necessita. Que «matéria prima» não falta, e nem muito menos dinheiro para a sua importação...

Um exemplo do filme que todos já nos fartamos de ver, mas que quando aparece, é sucesso garantido: «Tentação de Todos». Para não falar no título, que é estúpido de todo, registamos que Esther Williams repete as suas habilidades natarórias e o seu pouco jeito para declamar, o no-

Continua na pág. 5

## ALÉM - MAR

# ANGOLA

## DE PORTO ALEXANDRE A MOÇAMEDÉS

Em Moçamedes, cujo porto de mar magnífico e natural vai ser notavelmente beneficiado com a construção de um cais acostável, desembarcam os passageiros que se destinam á própria cidade e ás duas outras principais povoações do sul da colónia de Angola: a cidade de Sá da Bandeira e a vila de Porto Alexandre. É desta vila e da estrada que a une a Moçamedes que me ocuparei neste artigo.

Há três maneiras que geralmente se utilizam para fazer o trajecto entre as duas localidades costeiras: por mar, pelo ar e por terra.

O caminho pelo mar é ainda hoje muito utilizado em virtude da interrupção da estrada, com as cheias formidáveis do rio Coróca, provenientes das enxurradas anuais (raro é o ano em que as não haja) vindas em caudalosas correntes dos contra-fortes da magésta serra da Chela, cujo ponto mais alto está situado em pleno planalto da Humpata, no Bimbe, a 2.400 metros!

O que vou contar parecerá uma fantasia. Há, todavia, em Espinho quem possa corroborar as minhas palavras.

Em 1947, a cheia de Coróca, cujo leito, normalmente, é sêco, durou cerca de seis meses (!) não permitindo, a não ser com muita dificuldade e por vezes com risco da própria vida, a travessia. Diga-se que o rio, no local onde corta a estrada, aí a uns vinte quilómetros de Porto Alexandre, tem muito perto de mil metros de largura! Por aqui poderá fazer-se uma idéa do que são as cheias de Angola.

As carreiras regulares aéreas fazem também um belo serviço durante as cheias (e fora delas) não levando o avião mais que meia hora a fazer o trajecto. Há, para o efeito, um campo de aviação na área de Porto Alexandre, a uns quatro ou cinco quilómetros da vila.

Temos, finalmente, o percurso pela estrada. É dele que vou falar aos meus presados leitores, com saudade... apesar da distância ser de cem quilómetros, pouco mais ou menos, atravez dum deserto que parece não ter fim, com as suas mirangens, sêco, árido, onde só a linha telefónica põe uma nota progressiva, mau grado o péssimo estado dos postes, pequenos, carcomidos, irregulares, mais parecendo estacas de segurar feijão.

Saindo de Moçamedes e passando o campo de aviação da cidade, logo ali, ás suas portas, e cujo «hangar», muito bom, é já insuficiente para o movimento e tamanho dos aviões (é precisa muita perícia para lá albergar o «Dakota» das carreiras regulares de Luanda e, quando lá está este, o «Dragon» que faz o percurso para Sá da Bandeira fica fora) entra-se logo no deserto de Moçamedes, também chamado do Namib, e que é, nem mais nem

menos, do que a continuação do célebre deserto de Kalanari, cujas origens temos que ir buscar muito longe, á África do Sul!

A estrada... é uma utopia. Ali, o condutor amigo de novidades pode dar-se a fantasia, pois, em certos pontos, nos «platós» a estrada tem muitos quilómetros de largura. Em todo o caso, uns trilhos sobre os outros foram desenhando e enrijecendo o caminho, e lá foram os colonos, uns atraz dos outros, em viagens que foram por vezes tormentosas aventuras!

Hoje, que temos o recurso dos potentes «8 cilindros», podemos avaliar o que foram as primeiras viagens, no velho «Ford» de pontapé e outros que tais. E eu sei, de boa fonte, que houve habitantes de Moçamedes (tenho a honra de conhecer pessoalmente um deles) que fizeram a viagem a cavalo, sem outros pontos de referência que não fossem as estrelas, as brilhantes estrelas do céu angolano.

De um antigo colono sei eu que, certa vez em que efectuou a viagem nessas condições, foi forçado a pernoitar a meio do caminho, depois de muitas horas andadas, sem tino, num local conhecido hoje e de há muito pelo «Buraco», tendo como travessieira o pescoço do cavalo e como manta... a esburacada coberta de estrêlas, como se diz numa conhecida canção!

Mas, não pretendo nem tenho conhecimentos para fazer a história da região. Sigamos, portanto, a estrada (chamemos-lhe assim, pomposa e definitivamente) cheia de cortes, de precipícios bruscos, de autênticas ratoeiras, e torneemos as famosas «welwitchias mirabilis», essas estranhas plantas que só ali existem, junto das quais já ajoelharam, chorando comovidamente, alguns sábios que lá se deslocaram especialmente para as verem, estudarem e admirarem!

Temos também o prazer de observar as gazelas, essas formosíssimas cabras de leque, de saborosa carne, que se notam por vezes, muitas vezes mesmo, em grandes grupos, deveras assustadiças, sendo a sua corrida muito curiosa dados os grandes saltos que dão em plena fuga!

No local denominado o «Buraco», de que já falei, há também um rio sêco, «Rio dos Flamengos» chamado, e cujo o nome tem origem num naufragio de um veleiro holandês, há distanciadíssimos anos, junto da costa. Todos os sobreviventes se embrenharam no deserto e, encontrado o leito sêco dum rio, seguiram por êle até alcançarem o mato, o que lhes aconteceu a algumas dezenas de quilómetros da costa, após tormentosa travessia, lutando contra a fome e, sobretudo, contra a sede!

Vêm-se no «Rio dos Flamen-

Continua na pág. 5

## A Ass. Académica de Espinho tem uma Sede

Finalmente, os sócios da Académica podem contar com uma sede condigna.

Que a tratem e defendam com o carinho e o amor que e a necessidade faziam prever, são os votos daqueles que trabalharam para ela. Além da satisfação do dever cumprido e do serviço prestado à colectividade está, agora, a esperança na dignificação do empreendimento. Torna-se necessário adquirir a personalidade que ela nos promete. Para tanto, mostremos que a nossa juventude não é sinónimo de garotada inconsciente, como muitos pretendem, pois sabemos o que queremos e para onde vamos. E' chegada a altura de se marcar com maior vigor a nossa presença, mas não esqueçamos as responsabilidades que tomamos sobre os ombros.

Situada no primeiro andar do prédio limitado pela Avenida 8 e pela rua 11, a Sede dispõe de várias salas destinadas aos Gabinetes da Direcção, do «Rumo» e da Secção Cultural, além daquelas que servirão para o ping-pong e outros jogos de mesa. A dar vida e cor ao ambiente estarão presentes alguns trabalhos do jovem artista Manuel José e do ilustre pintor Sampaio, uma grandiosa composição oferecida à mocidade de Espinho. Repetimos: Temos uma sede condigna. Que a saibam enriquecer o espírito e o entusiasmo que caracterizam uma juventude forte e consciente.

## Toiros e Toiradas

Continuado da pág. 3

o «chorudo» ainda que se degra-de o nome no «falhado»?

E, é mesmo de perguntar: que importa o bom nome, se os fins ele os atinge plenamente de tal sorte que não pode olhar os seus semelhantes de curvado que anda ao pêso dos dobrões?... Ele mesmo só consegue ver o sol nos dias de chuva mercê dos reflexos nas águas das ruas.

E, para terminar, leitor amigo e benevolente, hemos que concordar que, quer vista de um lado, quer do outro, a questão é dolorosa e aflitiva. Dolorosa, não só porque os que se servem do negócio honesto são defraudados e consequentemente roubados como também porque causa sincera piedade a mentalidade de certos indivíduos! Aflitiva, também, porque uma causa não pode estar sujeita a subterfúgios e maus tratos de elementos que têm como único objectivo o dinheiro sem se importarem de modo algum com as consequências futuras do seu «asqueroso» modo de proceder. De qualquer modo, seria de desejarmos — se fôsse possível — uma drenagem completa do lodo que comprime os cérebros de certo enfatuados e perniciosos Crestis... de modo que lhes fosse assim proporcionada a faculdade de pensar e se lhes avivasse o respeito e consideração que lhes merecem não só certas causas e assuntos em que se imiscuem como também, e principalmente, os seus semelhantes.

Paquito



# POR ESPINHO

Continuado da pág. 1

del Perojo, Miguel de Maéztu, e o pintor Ramón Cilla, a fina flor dos pensadores e intelectuais de então.

Tanto como aos fundadores do nosso Concelho e aos ministros que então subscreveram o decreto da autonomia administrativa de Espinho e a todos quantos contribuíram para o seu desenvolvimento, devem ser prestadas homenagens àqueles que, como os citados agora, através da imprensa diária ou periódica no país vizinho e amigo fizeram larga e proveitosa propaganda para tornar Espinho conhecido e recomendado, ainda quando a rivalidade existente entre Espinho e Figueira da Foz tinha atingido o maior incremento.

Não constituíam somente as belezas naturais de Espinho e o seu excelente clima de ar puro e lavado na expressão justa e feliz do saudoso clínico dr Pinto Coelho — motivo da preferência dos elegantes cosmopolitas, — entre os quais predominava o mais distinto da sociedade espanhola. Havia nessa altura inúmeros divertimentos. Três cinemas: Salão Avenida, Cinema Peninsular e Moulin Rouge, funcionando ainda por vezes como cinema, o Teatro Aliança, alternando com companhias portuguesas e espanholas, atracções internacionais e outros elementos de renome. Também: música no coreto às quintas feiras e domingos. Muitas e variadas festas públicas: corridas de bicicletas, batalhas de flores, concursos hípicas, torneios de tiro aos pombos, corridas de touros amidadas e concertos de tarde e à noite nos cafés: Peninsular e Chinês. Também, por vezes, no Café Hig-Life, nos baixos do ainda existente Grande Hotel de Espinho, tudo para recreio e deleito dos apreciadores de boa música. Entre os executantes contavam-se artistas de sólida reputação mundial tais como: Julio Caggiani, Nicolino Milano, René Bohet, Romagosa, Carlos Quílez, Pedro Blanco, José del Hierro, Symaria, B. V. Moreira de Sá, António Antunes e o glorioso e maior de todos os violoncelistas do mundo, Pablo Casals.

Viveu assim Espinho, durante décadas, uma época esplendorosa graças à dedicação dos seus amigos e, no inverno, não faltavam também animados bailes e récitas por amadores teatrais e saraus pelos discípulos de ginástica do Ginásio Club de Espinho, em colaboração com atletas portuenses, rapazes da melhor sociedade.

Agora, em pleno desenvolvimento não só como praia das mais preferidas, como zona de turismo de primeira categoria e devido à sua situação geográfica — centro de reconhecido valor comercial e industrial — dada a sua crescente densidade populacional e capacidade para ir a muito mais, contando com uma mocidade que se interessa pelos

Continua na pág. 2



## O mostrengo...

Tinhamos que falar. Não podíamos continuar a vogar na maré de indiferença e comodismo que tem encoberto aquele mostrengo que pretende perpetuar a homenagem do povo de Espinho à memória daqueles que lutaram na I Grande Guerra.

Tal monumento é indigno da bela e nobre intenção que o levantou. Tamanho atentado à arte e à sensibilidade, à dignidade duma terra não tem razão de existir.

Fraca visão e falha sensibilidade artística tiveram os homens de ontem que consentiram a sua consumação. Fracos e comodistas têm sido aqueles quem vêm suportando o «mostrengo cúbico». A' força de o detestarmos, quasi o esquecemos. Só o lembramos e acordamos da indiferença quando ouvimos as gargalhadas, o escárneo dos visitantes que depois de admirarem o belo templo que é nosso orgulho deparam com o severo e magestoso Monumento aos Mortos da Grande Guerra. E, assim, a sensação de grandeza, a admiração das virtudes da gente que soube erguer tão belo e magestoso edifício, desaparece ante a pobreza e a mesquinhez do ridículo monumento. Singular contraste!

Qual será a impressão final? Abstemo-nos de escrever porque ela é demasiado clara.

A solução do problema é urgente e não pode contemporizar com sentimentalismos agarrados ao esforço e à boa intenção daqueles que trabalharam pelo Monumento. Acreditamos sinceramente nas boas intenções, o pior é que as consequências nem sempre correspondem. E, para desgraça nossa, houve a infelicidade de se encontrar para a materialização dum sonho, um «génio», um cérebro cúbico dotado duma inteligência angulosa. Lamentamos que não tivesse havido mais sorte na escolha e, do mesmo modo, tamanha falta de pudor artístico.

A bem da nossa terra e para honra das nossas virtudes impõe-se a demolição do «mostrengo». Ante a perspectiva da substituição do Monumento por uma realização condigna, surge a grande dificuldade: o dinheiro.

Haja vontade e a maior dificuldade será vencida.

## Opiniões...

De há algum tempo para cá as árvores que ladeiam algumas das ruas da nossa vila veem sendo derrubadas impiedosamente sem que se lobrigue bem qual a necessidade dessa decisão.

Coube a vez a uma palmeira da Avenida, às árvores da rua 62 e, ao que consta, não ficará por aqui a fúria arboricida. A dar crédito ao que se diz, até as palmeiras da Avenida 8 se irão, provocando o exodo das centenas de

pardais que com a sua alegria bulhosa e irrequieta dão àquele arruamento um pouco de vida e animação.

Quere-nos parecer que há excesso de visão em tal atitude pois nem todas as árvores estão a causar os projuízos que se lhe apontam. Um pouco mais de calma e minucioso estudo não ficaria nada mal.

Não somos os primeiros a focar o assunto de que se ocuparam já a «Defesa de Espinho» e o «Primeiro de Janeiro» e por isso nada de novo vimos dizer. Mas, porque, na segunda das publicações citadas veio publicado um artigo do conhecido escritor dr. Sousa Costa («A Matança Grande de Espinho», no «Janeiro» de 28 de Dezembro) em que, com toda a franqueza, se declarava antipatizante com a iniciativa camarária, artigo este que causou grande sensação no nosso meio, passamos a transcrever, com a devida vénia, algumas das suas afirmações:

... «Regressei a casa com o coração a sangrar, por obra macabra de fúria dos homens contra a existência das árvores — fúria que desdenha todos os «titãs e todos os cimentos».

E' verdade. Fui a Espinho. E ao entrar no «Passeio Alegre» cuidei-me transportado, por artes diabólicas, ao matadouro municipal do Porto nos dias confrangedores das matanças grandes.

Todo o longo arruamento bordejado de cadáveres — os restos mortais dos belos, dos sádios, dos prestimosos plátanos, que no decurso de décadas lhe deram beleza e sombra — e a única alegria do bisonho passeio!...

... «E lembramo-nos de que cidades como Paris, Londres, Berlim, quasi orfãs do Sol, ostentam em ruas e praças grandes árvores que desafiam os mais belos monumentos!»...

... «Como se o agricultor francês, e inglês, e alemão, não soubessem de poda — e não observassem que a sombra, se lhes subtrai dez aqui, lhes aumenta cem acolá, por força da sua cota de humidade, de baixa na evaporação do solo, do tónico das folhas mortas»...

De todas as afirmações do dr. Sousa Costa nenhuma nos desagradou. São verdades duras como diamantes. Perante isto, restam-nos a esperança de que, como se diz em artigo (do género dos de dar uma no cravo e outra na ferradura) de «Defesa de Espinho» de 12 de Dezembro, haja na Câmara quem perceba de «poda», à semelhança dos agricultores dos grandes países da nossa destrugada Europa.

## Contrastes...

Vendeste, o outro dia, um artigo por 250\$00. Tinha-te custado 100\$00. Não era grande coisa. Mas tu afirmaste que o artigo era inglês, de ótima matéria e dotado de mil propriedades, qual delas a mais maravilhosa. Depois de o venderes andaste todo alegre e satisfeito. E a ti próprio deste os parabens.

— Fiz um ótimo negócio, afirmaste com ar comercial.

E à noite, quando foste jantar, fizeste um berreiro incrível porque descobriste que o homem do talho te vendera boi em vez de vitela.

Ouve: só tu tens direito a fazer ótimos negócios?

# ANGOLA

Continuado da pág. 4

gos» muitas rapozas e, á noite, uma ou outra hiena procurando caçar ou comer a carne, por vezes já apodrecida, dum ou outro animal muito mas perdido pelo caçador.

Estamos chegados ás fazendas do Pinda, já muito perto de Porto Alexandre, onde algumas casas comerciais sustentam sacrificadamente essas fazendas, para que á vila não falem alguns frescos de primeira necessidade, como os tomates, as couves, as cenouras, etc. Lá se fazem, também, concentrações do gado que fornecerá de carne os talhos da vila.

Quinze quilómetros mais, atravez de caminho péssimo, irregularíssimo, e estamos á vista da laboriosa vila sulana onde a vida hoje é relativamente fácil, mas onde, em tempos idos, se passaram sacrifícios de toda a espécie para que aquela terra pudesse vir a ser aquilo que já hoje é!

Vai já longe este modesto artigo e não me é possível, porisso, dar as minhas impressões da vila de Porto Alexandre, o que farei no próximo número deste jornal. Registe-se, entretanto, que o número especial que o «Século» organizou para comemorar o tricentenário da reconquista de Angola não tenha feito referência a uma das localidades mais progressivas e economicamente importantes da colónia, a não ser atravez duns frios e incarterísticos números de estatística fornecido Pesca pelo Sindicato de Moçamedes!

A. O.

## Bonecada Animada

Continuado da pág. 4

vo galã é tão mau que nem vale a pena mencionar o seu nome, e Jimmy Durante, esse salvaria o celuloide se não dissesse as mesmas piadas que já se ouviram nos outros filmes.

Para terminar agrada-nos dizer que o último filme de Walt Disney é, de facto, coisa nova. Sendo totalmente diferente de todos os outros — que grande poder de criação! — é uma pequena maravilha. Em «A Canção do Sul» tudo é bom.

Manuel José

Leia, Assine e Propague

R U M O





# SOLCRIS

...é um store

**ARMAZEM DE MERCEARIAS**

Cereais — Toucinho  
Gorduras — Sabões

**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609  
(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342  
**ESPINHO**

**Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM  
ESPELHAÇÃO  
FOSCAGEM  
Gravura artística  
em vidro



CRISTAL  
EM CHAPA

Vidro impresso  
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

**OVAR**

LARGO 1.º DE DEZEMBRO

**DUARTE & C.ª**

Armazenistas de Mercearia

Rua 19 - **ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

**Mercearia Porto ESPINHO**

Pradores, 104 - Tel. 3771

GAIA

Rua Dezanove - Telef. 16

**SABOARIA ATLANTICA**

Rua 26

**ESPINHO**

## Cadinha & Couto

Armazenistas de Mercearia  
Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO  
Telefone, 52  
**ESPINHO**



**CASA SOUSA**  
PAPELARIA E LIVRARIA

J. Moreira de Sousa Júnior

Telefone, 99

Rua 19 N. 215 — **ESPINHO**

Carteiras, Porta-moedas,  
Pastas, Produtos de perfumaria — La Toja  
— Jogos, Novidades

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

## SOL D'OIRO

PEGADO AO TEATRO S. PEDRO  
**RUA OITO**  
(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Confeitaria, Café, Bar com  
secção de Cozinha Regional

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS  
— CHÁS E CAFÉS —  
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37  
APARTADO 37

**União Comercial de Espinho, L.ª**

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFAÇÃO E MOAGEM  
LICORES E XAROPÉS  
UNIÃO

Rua 19 — 409 a 421  
**ESPINHO**

## PADARIA PROGRESSO

DE

**Manuel Maria Valente**

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS

Fabrico esmerado de todas  
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

**SILVALDE**

## PADARIA MECANICA

## A PÉROLA DE ESPINHO

DE FARIA & IRMÃO

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

**ESPINHO**

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS

VENDAS POR JUNTO

**Baptista & Oliveiras**

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Milaneza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª  
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.ª  
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telef. 21  
gramas: FARINHAS  
APARTADO, 5

Rua 62-**ESPINHO**

**PADARIA PRIMOROSA**

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833

**ESPINHO**

## Tipografia Progresso

Execução de trabalhos tipográficos em todos os géneros

**RUAS 11 E 20**

**ESPINHO**



# PELO DESPORTO

## ENTRADA EM CAMPO

### FECHO DE CONTAS

O ano civil de 1948 cede na estrada do Tempo o seu lugar ao de 1949. Reatam-se os projectos imaginados no início de cada ano, renovam-se ilusões, reacendem-se esperanças, enquanto se organiza o fecho das contas do ano moribundo, normalmente cheio de desilusões e desgostos. Há onze anos fundou-se a Académica. Não faltaram os sonhos nem a vontade e, se é certo que o dinheiro sempre escasseou, o clube foi progredindo lentamente. Se deitarmos um olhar para o caminho percorrido, pode encher-nos o peito uma onda de satisfação pois que o esforço dispendido por todos quantos trabalharam por esta causa foram, de certo modo, compensados com uma crescente compreensão do valor da colectividade dentro de Espinho, e o reconhecimento do valor dos atletas nos diversos centros desportivos por onde se tem espalhado a nossa actividade.

A actual Direcção está prestes a perder o mandato. O «testemunho» será passado para as mãos de outros ou de alguns dos mesmos e, cremos e desejamo-lo, todos os seus esforços serão dirigidos no sentido de beneficiar o clube e desenvolvê-lo o mais possível.

Os praticantes das diversas modalidades prestam ao clube magníficos serviços que não são enodados pelas atitudes de umas tantas ou quantas ovelhas tresmalhadas do rebanho. O oquei em patins reafirmou valor só não justificado pelas classificações nos torneios em que a Académica participou porque houve vontades estranhas, das quais não é justo retirar a de Correia de Brito, que o impediram por diversos meios. O oquei em campo afirmou-se com magnífica vitalidade e a nítida subida de forma da nossa equipa permitiu guindar-nos a um alto posto na escala dos valores nortenhos da modalidade o que não é simples opinião facciosa da nossa parte pois diversas vezes a temos visto corroborada por personalidades cujo conhecimento do assunto é bem considerado. O ping-pong trouxe-nos mais um título regional depois de comportamento brilhante. Em voleibol é que nem tudo foram rosas pois que, sobretudo mercê do desinteresse de certos atletas, fomos forçados a baixar de Divisão. Resta-nos a esperança de que será recuperado o caminho perdido. No basquetebol tudo tem andado a vogar à «matroca», mas cabe-nos a consolação de sabermos que pelo menos vontade não faltou.

Em 1948 a Académica voltou a estar presente em provas de atletismo. Os resultados obtidos por dois dos quatro atletas que nelas participaram vieram dar um pouco de estímulo à ideia de reviver a secção no nosso clube, estímulo que é necessário não se deixe perder.

Eis, aqui em resumo o que foi o ano de 1948 para a Académica. O ano futuro é uma incógnita que o tempo desvendará. União, esforço e dedicação, tudo isto reunido fará o progresso e a prosperidade do nosso querido clube.

P. M.

## Oquei em campo

Foi a Académica punida com duas faltas de comparência que, por poderem induzir em erro os desportistas espinhenses, necessitam ser explicadas.

Na sexta-feira anterior à efectivação da primeira jornada do Regional, o Delegado da Académica, ao chegar à sede da Associação, só lá encontrou o Presidente da Comissão Administrativa, pois os restantes directores se tinham já ausentado. Este senhor aceitou-lhe as fichas de alguns jogadores ainda não inscritos, pelo que, no domingo seguinte alguns desses atletas foram integrados na nossa equipa para defrontar a do Vigorosa. Porém, ao que parece, os elementos directivos do oquei nortenho estão bastantes habituados a lograrem-se uns aos outros para defenderem os interesses dos clubes das suas simpatias e, assim, como o Presidente daquela Comissão Administrativa é o sr. dr. Virgínio Pereira, amigo entusiasta do nosso clube, vá de considerar as fichas como entregues fora do prazo e derrotar a Académica com uma falta de comparência por terem alinhado jogadores mal inscritos. A Académica terá alguma culpa de que um elemento daquela Associação aceitasse as fichas? Que interessará mais à Associação: expandir o mais possível o oquei em campo no Norte, ou impedir um clube de progredir só porque é de fora do Porto? Deixamos as respostas ao critério dos nossos leitores.

A segunda falta de comparência foi-nos atribuída no jogo com o Sport Clube do Por-

to que, por habilidades de um dirigente associativo que é também jogador do referido clube, devia ser disputado no Porto quando o sorteio tinha indicado o campo de Espinho. Um temporal retardou em cerca de 25 minutos a partida de Espinho a alguns jogadores que, ao chegar ao Campo das Cavadas pelas 10,14 horas, encontraram os jogadores do Sport já desequipados. Por insistência do do mesmo jogador-atleta que nos arrastara para o campo do Vigorosa, os árbitros tiveram que punir-nos com derrota por falta de comparência. Esta falta de desportivismo e consideração para um clube que inteiramente os merece surpreende todos os que, como nós, não vêm na disputa deste Campeonato a acanhadíssima finalidade de obter títulos ou elevada classificação, mas compreende-se perfeitamente ao ter-se conhecimento de que no jogo de reservas que se seguiu participaram diversos elementos da categoria de honra do Sport.

## Resultados do Campeonato

Académica, 0	Vigorosa, 0
Académica, 1	Boavista, 1
Académica, 1	L'Air Liquide, 1
Académica, 1	Académico, 2

Têm alinhado: Anibal, Silva, Vita, Anjos Neves, Abel Costa, Ribeiro, Alberto Alves, Fernando Costa, Alexandre Reis, Jerónimo Reis, Amparo, Rezende, Serralva, João Gonçalves, João de Castro, etc.

## Caça ao Homem

Tentamos esboçar no último número do «Rumo» o estado actual, a maneira como o Desporto, hoje em dia, é encarado. E dizemos que tentamos porque muito ficou para dizer acerca duma das maiores mentiras do nosso tempo. Não permitiram uma visão larga e justa a falta de espaço e, talvez, a posse incompleta dos segredos, das forças que dirigem essa riquíssima fonte de lucro.

Não pretendíamos voltar ao assunto, mas, veio até nós a oportunidade de mostrar com clareza um aspecto do Desporto moderno. E é tamanha a gravidade, a responsabilidade da sociedade, que não podemos evitá-la a referência.

A minha atitude de um non rígido, ia protelando as coisas e eu muito contente, até que um certo dia, uma das comissões volta à carga e um dos membros corta a direita: Se você não nos der o rapaz, vem outro club e leva-lho. E o Sérgio foi!

O interesse deles, é visivelmente outro. E' naturalmente outro. Querem um Nome. Não querem o rapaz..

A não ser que o rapaz se segure, temos um valor perdido! O Sérgio, tem hoje quanto dinheiro quer. Não lhe poderiam meter nas mãos arma mais perigosa!

O rapaz, que era nosso, do nosso grupo, nunca mais jogou aqui em casa! Eis a Bola negócio. A Bola — mercadoria. Não estava preparado nem contava com mais estas dolorosas experiências. Não contava.

Mas há mais. Agora é um outro dos nossos que está em disputa. Digo disputa, porque são vários clubes a reclamar o seu nome. Querem-no em todo o modo. E' tudo por bem, sabe-se, mas tudo redunda num mal para o rapaz. Ele é orfão de tuberculosos, tem cavernas cicatrizadas. Foi mandado retirar do trabalho por alguns tempos, o ano passado... Está actualmente em regime de super alimentação na nossa casa do Porto. Apesar disto, diz um dos grupos que o deseja: A nossa missão é dar filhos sãos à Pátria E insistem. E escrevem. E procuram.

Já dantes, quando andava pelos hospitais, topava moços no leito. Perguntava. Eram jogadores. Nomes de glória, a caminho da vala comum! E os clubes? Os tais clubes: Se v. não nos dá o rapaz, vem outro e leva-lho! Hoje não sei como as coisas são. E' possível que não deixem morrer à míngua os seus filiados. Mas a verdade é que naquele tempo, e isto foi ontem, por assim dizer; naquele tempo, digo, ajudei e assisti no Hospital dos Lázarus, em Coimbra, a um sem número de condenados à morte, por quem na mais simpática e louvável das intenções, se propõe dar filhos sãos à Pátria.

Depois de tudo isto, leitor amigo, está ou não justificado o título deste artigo?

A. Silveira

## Basquetebol

Este magnífico desporto não tem encontrado em Espinho ambiente propício ao seu desenvolvimento e parece constituir uma excepção ao conceito de que Espinho é um alfobre de bons atletas. Tem-se mantido a secção desta modalidade na Académica quase só por teimosia. O início do Campeonato Regional de Aveiro veio porém ofuscar um pouco tão magnífico exemplo de persistência pois que aos próprios dirigentes e atletas há que apontar culpas. No primeiro jogo que nos cabia disputar em Oliveira de Azemeis sofremos uma derrota por falta de comparência pois que, à hora da partida, só apareceram dois jogadores que é justo nomear — Sérgio Gonçalves e Jorge Horta. Os restantes, depois de inquiridos da razão do seu proceder, defenderam-se alegando desconhecimento. Quer seja isto verdade ou não, haverá sempre que lamentar: ou a má orientação dos dirigentes ou o descuido e desinteresse dos praticantes.

No domingo seguinte, no nosso Rink, jogou-se com a equipa da A. D. Sanjoanense e, de uma falta de brio, desinteresse e, também, desorientação técnica e tática, surgiu uma derrota (12-23) que não seria de esperar dado que os visitantes se estão a iniciar na modalidade. O ganhar e o perder são incidentes do Desporto que pouco contam desde que haja apego à luta, correcção e amor ao clube; na falta destes elementos, haverá sempre que

## Assembleia Geral DO SPORTING

Estamos na época das assembleias gerais dos clubes em que se acertam e ajustam contas e se elegem corpos gerentes para o ano civil de 1949.

Realizou-se no passado dia 28 a do Sporting. Muita discussão houve, degladiaram-se facções opostas, atiraram-se pedras aos telhados dos outros, sendo os próprios de vidro sem que, de facto, se lobrigasse grande utilidade para a vida da colectividade em certos assuntos debatidos. Concorde-se finalmente em suspender a assembleia para continuar em 7 de Janeiro próximo, metendo-se de permeio, em 4, uma assembleia extraordinária para dar cumprimento a deliberações tomadas pela massa associativa em 12 do do primeiro mês do ano que agora expira.

E tudo isto porque uns não cumprem os seus deveres enquanto que outros se preocupam demasiado em criticar os actos daqueles que não são das suas simpatias.

lamentar e por isso reprovamos o desinteresse e falta de brio demonstrada por alguns dos basquetebolistas da Académica, em flagrante desacordo com as tradições da nossa colectividade.





## RONDA!

Se na terra redonda as moças se dessem a mão, do mar em toda a roda elas taríam ronds.  
E se, da terra redonda, cada moço um lanchão, com suas barcas taríam pontes de onda pra onda.  
Então,  
Podia fazer-se uma ronda em roda da terra redonda, se na terra redonda a gente se desse a mão.

Paul Fort

## NATAL PORTUGUÊS

Ramalho Ortigão («AS FARPAS»)

Ide, queridos amiguinhos, ide divertir-vos! Aquele que vos fala já foi em tempo—há bom tempo!—aquilo que vós hoje sois, e teve também a sua festa inteiramente desanuviada, absolutamente feliz como a vossa. A única diferença é que, nessa remota idade e no obscuro canto da província em que ele nasceu, a *Árvore do Natal* era ainda uma instituição desconhecida. Era uma terra bárbara aquela em que este pai-avô veio à luz e que tantas vezes ele percorreu, já periclitante na imperial de trémulas e arrastadas diligências, já a cavalo debaixo de um amplo capote de cabeções; já a pé, com um bordão!

(...) O objecto do culto, da admiração, do entusiasmo, do enlevo dos pequenos do meu tempo era o velho *presépio*, tão ingénuo, tão profundamente infantil, tão cheio de coisas risnhas, pitorescas, festivas, inesperadas.

Era uma grande montanha de musgo, salpicada de fontes, de cascatas, de pequenos lagos, serpenteada de estradas em zigzagues e de ribeiros atravessados de pontes rústicas.

Em baixo, num pequeno tabernáculo, cercado de luzes, estava o divino bambino, louro, papudinho, rosado como um morango, sorrindo nas palhas do seu rústico berço, ao bafo quente da benigna natureza representada pela vaca trabalhadora e pacífica e pela mulinha de olhar suave e terno. A Santa Família contemplava em êxtase de amor o delicioso recém-nascido, enquanto os pastores, de joelhos, lhe ofereciam os seus presentes, as frutas, os frangãos, o mel, os queijos frescos.

A grande estrela de papel dourado, suspensa do teto por um retrós invisível, guiava os três Reis Magos, que vinham a cavalo descendo a encosta com as suas púrpuras nos ombros e as suas coroas na cabeça. Melchior trazia o ouro, Baltazar a mirra, e Gaspar vinha muito bom com o seu incenso dentro de um grande perfumador de família, dos de queimar pelas casas a alfazema com o açúcar ou as cascas secas das maçãs camoesas.

Atrás deles seguia a cristandade em peso, que se figurava descendo do mais alto do monte em direcção ao tabernáculo. Nessa imensa romagem do mais encantador anacronismo, que variedade de efeitos e de contras-

tes! que contentamento! que alegria! que paz de alma! que inocência! que bondade!

Tudo bailava em chulas populares, em velhas danças moiriscas, em bailados à la moda ou à meia volta, em ingénuas gavotas, em finos minuets de anquinhas e e bico de pé afiambrado.

Tudo ria, tudo cantava nesses deliciosos magotes de festivais romeiros de todas as idades, de todas as profissões, de todos os países, de todos os tempos! Os cegos tocando as suas sanfonas; os pretos pulando uma sarabanda; os galegos com a sua gaita de fole dançando a *muñera*; a saloia de carapuça de bico e de saio encarnado, trazendo cêsto com ovos; o saloio com o peru, com o vitelo ou com o bacorinho às costas; o aguadeiro com o seu barril novo; o ceifeiro com a sua fouce e o seu feixe de trigo; o lenheiro carreando o cepo sagrado para a fogueira da Missa do Galo; o pequeno saboiano com a sua marmota; o tocador de realejo dando à manivela do seu instrumento; o pastor com um borrêgo ou um chibo debaixo do braço; o passarinho com as suas esparrelas e o seu alcapão com um melro dentro; a *manola* com o seu leque e a mantilha sevilhana traçada na cinta; o maioral tocando a guitarra sentado no garrido albardão da sua mula; os *gitanos* entoando a *seguidilla*; numerosos rebanhos, de perus, de patos, de anhos, de porcos e de cabritos; e muitas personagens, de variados trajos exóticos, tangendo pandeiros, adufes e castanhetas, como nos autos pastoris, nos colóquios e nos vilancicos, antigamente representados diante das lapinhas nas catedrais da Idade Média.

Depois celebrava-se a ceia, o mais solene banquete da família minhota. Tinham vindo os filhos, as noras, os genros, os netos. Acrescentava-se a mesa. Punha-se a toalha grande, os talheres de cerimónia, os copos de pé, as velhas garrafas douradas. Acendiam-se mais luzes nos castiçais de prata. As criadas, de roupinhas novas, iam e vinham activamente com as rimas de pratos, contando os talheres, partindo o pão, colocando a fruta, desrolhando as garrafas.

E o nordeste assobiava pelas

Continua na pág. 9

## CONHECIMENTO FÍSICO

Sua forma e seu âmbito

Continuado do número anterior

Analizemos a primeira questão:

— Escreve Sir James Jean na sua obra "Física e Filosofia":

— "Todo o conteúdo do espírito duma pessoa consiste em três partes, no máximo — uma que residia no seu espírito ao nascer, outra que nele entrou por intermédio dos órgãos dos sentidos, e uma terceira, finalmente, que se desenvolve a partir das duas primeiras, por processos de reflexão e raciocínio".

Há quem discuta a existência da primeira parte, mas concedendo que existe, o conhecimento do mundo exterior, esse, só pode fazer-se no nosso espírito por intermédio dos sentidos. — Um cego nunca saberá o que é cor por mais explicações que se lhe dêem, nem um surdo poderá jamais compreender o que é o som por mais gestos que se lhe façam.

São os estímulos recebidos do exterior pelos órgãos dos sentidos sob a forma de luz, som, calor, impressões tácteis, etc. que originam no nosso cérebro, por processos mais ou menos complicados e para nós quase totalmente desconhecidos, as "percepções" que mais tarde se transformam em "impressões" e "ideias".

Criam-se assim no espírito do homem, ideias visuais, auditivas, tácteis, etc., que associadas às ideias mais primitivas e mais abstratas de número e quantidade, estas talvez inatas, talvez síntese de várias ideias de origem sensitiva, vêm a constituir o material que seleccionado e catalogado pela reflexão e raciocínio formará o total do nosso conhecimento físico.

— Desde logo se torna evidente uma conclusão: — uma explicação do universo, ou se quisermos, da natureza, só terá qualquer significado e será compreensível, se for dada em termos que impliquem unicamente ideias como as anteriormente apontadas, pois caso contrário, mesmo que fosse realmente uma "explicação", não explicaria nada, pois não a poderíamos entender.

Passemos a responder às outras questões postas:

— Fracasso das tentativas de explicação do universo e incompatibilidade entre os processos de conhecimento e a própria possibilidade de encontrar uma explicação inteligível.

— Todas as tentativas de explicação do funcionamento da natureza podem classificar-se de acordo com as ideias de origem sensitiva em que se baseiam.

Há explicações geométricas com base em ideias visuais (forma, extensão e movimento) e explicações mecânicas com base em ideias tácteis (forças, pressões e distensões).

A mais perfeita de todas as explicações mecânicas foi sem dúvida o sistema mecanicista de Newton completado mais tarde por Maxwell e Faraday.

Nele se considerava o universo como constituído por «partículas» móveis, cujos movimentos eram o resultado da acção de "forças" atractivas e repulsivas que as partículas exerciam umas sobre as outras.

Essas forças eram semelhantes aos efeitos provocados pelos nossos músculos quando em actividade.

Ainda que não tomemos em consideração o ciclo vicioso contido na analogia — forças — acções musculares — pois que para concebemos o que são forças será necessário saber como actuam os nossos músculos e para isso parece indispensável saber-se o que são forças, outras razões há que mostraram à evidência a fraqueza da "explicação" Newtoniana.

Duas dessas razões, e das mais importantes são apresentadas pela Teoria da Relatividade e pela Teoria dos Quantas.

— Resumindo poderemos afirmar que:

— Se as forças tivessem existência real deveriam ser mensuráveis quer qualitativa quer quantitativamente.

E ainda mais, os resultados da sua medida deveriam ser sempre os mesmos ainda que determinados por observadores diferentes quando medissem a mesma força.

Porém a Teoria da Relatividade mostra que para observadores movendo-se com velocidades diferentes, os resultados da mesma medição são diferentes e apesar disso igualmente dignos de serem considerados verdadeiros.

Sendo assim, é evidente que as forças não podem ter existência real e são meras concepções mentais de que nos servimos para

Continua na pág. 9



## CONHECIMENTO FÍSICO

Sua forma e seu âmbito

Continuado da pág. 8

encobrir a nossa ignorância da natureza dos fenómenos do mundo exterior.

Outra razão é baseada na Teoria dos Quantas e em resumo diz o seguinte:

— As forças, a existirem, devem actuar em espaço e em tempo.

Porém a Teoria dos Quantas mostra que os fenómenos físicos não se passam separadamente em espaço e em tempo.

Logo, uma explicação mecanicista da natureza não o poderia ser conservando o significado usual do termo.

Analizando agora o tipo das explicações geométricas, poderemos dizer que todas elas foram postas sucessivamente de parte, à excepção de uma — A Teoria da Relatividade — que até onde sabemos está em concordância com os factos conhecidos do mundo físico.

— Simplesmente é uma explicação que não explica nada — pelo menos em termos do nosso conhecimento físico — pois entre os conceitos básicos da sua construção, figura o do movimento livre ao longo das geodésicas da linha — mundo (geodésicas que seriam linhas rectas se o espaço não possuísse curvatura).

Simplesmente essas geodésicas pertencem a um espaço tetra-dimensional cuja existência podemos admitir mas que não somos capazes de conceber.

E assim se vê logo que a única "explicação" encontrada e que até onde se sabe não está em contradição com os factos não é afinal inteligível em termos do nosso conhecimento físico.

Postas as coisas neste pé, aos físicos ficou unicamente a possibilidade de construir um padrão matemático do universo.

— Não poderemos nunca compreender o que são os fenómenos — pelo menos enquanto possuímos só os nossos actuais cinco sentidos — e teremos de limitar-nos a arranjar um conjunto de fórmulas matemáticas que serão sempre e unicamente a síntese das nossas observações da realidade e nunca a realidade ela própria.

A. Nunes das Neves

## «A LENDA DA CASA N.º 15»

Continuado da pág. 8

para o pé da árvore do Natal do céu, tão bela e tão resplandecente como só no céu podia haver. Ao lado dela, a árvore do conde não era nada. Das mãos do Menino Jesus, receberam vários presentes, cada qual o mais bonito, e S. Pedro deu-lhes de comer e de beber. E, depois... depois vieram os seus paisinhos, que não estavam vestidos como os criados do conde, mas como anjos, porque eram

## NATAL PORTUGUÊS

Continuado da pág. 8

figas das janelas; ouvia-se ao longe bramir o mar ou zoar a carvalheira, enquanto na cozinha, onde ardia no lar a grande fogueira, chegava num respiro tépido o aroma do vinho quente com mel, com passas de Alicante e com canela.

Finalmente o bacalhau guisado como a *brandade* da Provença, dava a última fervura; as frituras de abóbora-menina, as rabanadas, as *orelhas de abade* tinham saído da frigideira e acabavam de ser empilhadas em pirâmide nas travessas grandes. Uma voz dizia: — *Para a mesa! para a mesa!*

Havia o arrastar das cadeiras, o tinir dos copos e dos talheres, o desdobrar dos guardanapos, o fumar da terrina. Tomava-se o caldo, bebia-se o primeiro copo de vinho, estava-se ombro com ombro, os pés dos de um lado tocavam nos dos que estavam de frente. Bom aconchego! belo agasalho! As fisionomias tomavam uma expressão de contentamento, de plenitude. Que diabo! Exigir mais, seria pedir muito. Tudo o que há de mais profundo no coração do homem, o amor, a religião, a pátria, a família, estava tudo aí reunido numa doce paz, não opulenta, mas risonhamente remediada e satisfeita. Não é tudo?

## “Atlântida”

É posto à venda no dia 6 de Janeiro o volume «Atlântida», poesias do nosso colaborador e académico espinhense Florentino Goulart Nogueira.

Florentino a quem Teixeira de Pascoais chamou «verdadeiro talento de filósofo metafísico», de quem Manuel Anselmo disse que realizara uma crítica que «constitue o que de melhor se tem feito em Portugal», de quem Pedro Homem de Mello afirmou que era «um dos melhores recitadores portugueses e o melhor intérprete de José Régio», Florentino tem uma notável prova do seu valor no livro «Atlântida» que fez proclamar ao citado Pascoais: *Dentre a Poesia modernista foi da sua que mais gostei. Digo-lhe como Victor Hugo a Baudelaire: Há aí um frémito novo*. O livro sai enriquecido com um desenho do pintor Carlos Carneiro.

Atlântida

Uma interpretação da existência

Atlântida

Continente desaparecido

Atlântida

Símbolo do que anslamos

Atlântida

Uma obra nova em Portugal

bemaventurados. As crianças ficaram para sempre no céu com os seus pais, e os outros santos brincavam a miude com o Menino Jesus... Mas, no bosque, no sítio onde tinham parado a descansar, apenas encontraram os vestidos deles e espalhou-se a notícia de que os lobos os tinham comido.»

## 3 SONETOS DE FLORENTINO

### O que o Poeta dirá

Aqui vos deixo, pois, meu testamento  
Amei. Sofri. Fui homem. Quis ser mais  
Vós todos que me ledes e passais,  
Sabei que esta existência é sofrimento.

E viver é um forçado isolamento,  
Desejar cem mil bens hoje irreais.  
Cantores! E os que ris! E os que chorais  
Vinde ouvir a Verdade entregue ao vento

São os entes a dor. Mundo é prisão,  
Apêlo, anseio, cruz, separação.  
Feito pra merecer felicidade.

Mas eu não suportei estas cadeias.  
Ninguém me entende o coração e as veias.  
Eu me diluo. Adeus.

Eis a Verdade.

(Do livro publicado «Atlântida»)

### Prece ao Senhor do Natal

Mãos e pés entrêvados, das correntes,  
Cataratas nas vistas pantanosas,  
— Como a gente era lodo, ó livres gentes!,  
'Té mostrar-nos a estrêla e odor das rosas!

Meu Senhor! Tu de novo Te sementes,  
Pois que à sêde do justo Te desposas!  
E que mudaste em rio vistas doentes,  
E que és a Poesia dada às prosas,

— Repara! Inutilizam os nossos braços!  
Tudo pede de tudo em cada porta!  
Nos olhos—tantos! — anda gêlo e escuro...

Põe a estrêla, o Amor, no rio dos aços!  
Co' as ruínas da Europa quase morta,  
Reconstroí-a, Senhor!, como eu procuro!

(Do livro em preparação «APRENDIZAGEM»)

### Dezembro

Desolação e angústia andam lá fora.  
O frio e a dor abraçam a Natura.  
A paisagem é branca e a noite escura.  
O silêncio nas coisas se demora.

Cá dentro, passa muito lenta a hora.  
Todos calados. Só no lar perdura.  
O crepitar daquela chama pura  
Que o meu pai fita, a meditar no outrora

A tia Hilda borda em seu bordado.  
A minha noiva tem cabelo oirado...  
A minha noiva tem o lábio quente...

Olha-me e eu olho-a... Que feliz me sinto!  
De rubor leve as faces dela pinto  
E «Amor! Amor...» murmura docemente.

(Do livro em preparação «O Canto Escuro da Minha Casa»)



# ANTOLOGIA

## Dois Sonhos de Natal

Da «Lenda da Casa n.º 15»

Conto de IDA FÜRST

«... Porém, mais adiante, as crianças não puderam realmente caminhar mais. E eis que, de repente, encontraram um outro menino.

Era tão pequeno e tão fraguinho como a pequerrucha; ainda estava mais pobremente vestida, e apesar do intenso frio que fazia, ia descalço e sem nada na cabeça. Na cabeça, que era muito linda, só tinha uns belos cabelos longos e encaracolados.

— Para onde vais? — perguntou o rapazito, com uma voz débil e a medo.

— Ah! E até estás descalço! — disse a menina.

— Pois estou — respondeu chorando, o menino.

— Sabes o que vamos fazer? — disse o irmão à irmã — Já que tu não podes andar, dá-lhe as tuas botas e nós te levaremos ao colo. Queres?

Ficou assim combinado, e desta maneira puderam ir mais depressa. Chegaram em frente do castelo. De fora, via-se, através das janelas iluminadas, a grande árvore do Natal, com magníficos presentes, toda enfeitada de ouro e prata e cheia de frutas cristalizadas. As crianças conseguiram entrar às escondidas, no castelo; através dos corredores, bem aquecidos, e sem que ninguém os tivesse visto, puderam chegar até à sala onde estava a árvore do Natal. Em volta da árvore viam-se o conde, a condessa, os filhos e muitos convidados, todos elegantemente vestidos. Ao princípio, ninguém deu pela presença das pobres crianças, que ficaram de boca aberta perante a magnificência da árvore dos brinquedos. O que mais espécie lhes fazia era que os filhos do conde não estivessem alegres, nem rissem de satisfação ao receber tais presentes.

— Oh! Que contentes ficaríamos, eu e a minha irmã, se tivéssemos a décima parte de tudo isto — disse em voz baixa, o filho do guarda florestal ao outro menino. Este sorriu, mas não pôde responder, porque, precisamente, nesse momento, os donos da casa deram pela presença das crianças. Ao vê-las tão mal vestidas, toda a gente se afastava delas com repugnância.

— Quem vos trouxe aqui, seus ciganos? — berrou o conde furioso; e ordenou aos criados que os puzessem na rua.

— Socega, marido, socega! — disse a condessa — Vão já. Mas

repara como estão rotos! Quem sabe se têm fome!... E hoje é noite de Natal. Podemos dar-lhes uns fatos... Ainda há alguma roupa trazida pela comissão da árvore do Natal para crianças pobres... e Jaucsi que os acompanhe ao quarto dos criados para comerem qualquer coisa.

Sem esperar pela resposta do conde, a condessa dirigiu-se a um canto da sala, onde havia montes de fatos e calçado para crianças, e deu alguns aos pequenos...; isto é, ela, não — porque não queria aproximar-se deles —, mas um criado, a quem ordenou que levasse as crianças para fora da sala.

— Muito obrigado! — disse o menino dos cabelos encaracolados — mas os meus companheiros e eu também queríamos alguns desses lindos brinquedos e alguns doces.

— Como! Quê? — exclamaram, surpreendidos, o conde, a condessa e todos os convidados. E os filhos do conde puzeram-se a gritar: — Não... não! Isso, não! É tudo nosso! Não faltava mais nada! São muito nossos! Contentai-vos com os vestidos que vos deram e com a comida em vez de estar para aí a pedir outras coisas!... Tivessem tido mais tino nos pais que escolheram!

Muito aborrecidos, o conde e os convidados puzeram as crianças fora da sala, enquanto a condessa mandava abrir a janela para sair o cheiro a miséria que elas haviam deixado ali. Os pequenos choravam, mas ninguém se compadeceu, e os pobrezinhos, cheios de fome, tiveram que deixar o castelo.

O cão esperava-os no pátio, e as crianças, sempre chorando, confiaram mais uma vez nele para que os guiasse.

Ao princípio, o irmão e a irmã tinham muito medo, ao verem-se no meio de tamanha escuridão, entre os pinheiros e os abetos. O outro menino tranquilizou-os. E enquanto ele falava, apareceu a lua no céu; o luar brilhava por entre os ramos das árvores, e que belo espectáculo se ofereceu aos seus olhos! Não era uma árvore de Natal como a do Castelo do conde... mas, centenas delas as que tinham diante dos olhos, recamadas de pérolas e diamantes faiscantes. Chegaram ao lago. Aí tornaram a ver milhares de estrelas, nas águas azuis e cristalinas... Que

De «A Árvore de Cristo»

Conto de F. DOSTOÏEWSKY

«...No seu esconderijo, torna a cair, sofre. Não pode recobrar a respiração. Falta-lhe o ar, o ar... mas, de repente, que estranho! sente-se muito bem, completamente curado: até já nem as mãozinhas lhe doem. E tem calor, um calor suave que o penetra como se estivesse ao pé duma estufa. Dorme! Sonha. E que sonho tão doce. «Vou ficar aqui um bocadinho mais — diz consigo — e depois irei outra vez ver os fantoches».

Mas houve sua mãe — a mãe que está morta — cantar a seu lado. «Ah! Mamã; estou a dormir! E que bem que se dorme aqui!»

— Anda a minha casa ver a árvore do Natal — murmurou uma voz suave.

Julgou ao princípio que era a mãe; mas não, não era ela. Quem lhe teria falado? Não sabia... Alguém debruçou-se sobre ele e beijou-o... De súbito... que luz! Que árvore do Natal! Nunca sonhara com uma árvore do Natal assim tão linda! Toda ela brilha, toda ela resplandece! E ei-lo rodeado de meninos e meninas radiantes de luz, que rodopiam à sua volta e o beijam, o levantam nos braços e o levam com eles. Paira, como os outros, na claridade, e a sua mamã, muito pertinho, olha para ele e sorri-lhe alegremente.

— Mamã, Mamã! Como isto é lindo! — gritou o pequenote.

E beija novamente os seus amiguinhos e quer contar-lhes o que os fantoches faziam detrás

encanto! O cão sentou-se na margem, olhando o espelho das águas, e as crianças, cansadas, foram-se sentar a seu lado.

— Ah! Se agora o menino Jesus viesse ao nosso encontro! — disse, baixinho, a pequenita ao irmão.

Naquele instante, o outro pequerrucho levantou-se e, oh! milagre! — já não estava pobremente vestido, nem tinha aspecto de miséria. Vestia uma túnica bordada a prata, como a dos anjinhos. Em torno da formosa cabecita, luzia-lhe uma coroa de luz. Das mãozinhas, irradiava um resplendor como o das estrêlas... E, em lugar do bosque, apareceu, de repente, um palácio real, todo iluminado, de mármore branco e ouro, prata e pedras preciosas, e das portas, abertas de

da vidraça iluminada. Mas domina-o uma curiosidade.

— Quem sois vós, meninos e meninas?

Nós somos os pequeninos que viemos ver a árvore de Cristo — respondem todos em cântico — Cristo tem sempre no Natal uma árvore muito linda para os meninos que não têm a sua árvore de Natal.

E compreende então que todas aquelas criancinhas eram tão desgraçadas como ele. Eram também pequerruchos desgraçados. Uns tinham sido descobertos gelados nos cestos onde os abandonaram na rua; outros foram asfixiados por amas finlandezas; outros, morrido no hospício; outros pereceram de fome aconchegados ao peito das mães durante a fome de Samara, e ali estão todos, transformados em anjos, na casa de Cristo, que sorri, entre eles, e os bendiz a eles e às suas mães pecadoras.

Porque as mães também lá estão, e os filhos no meio delas, a querer voar para elas, com os bracinhos estendidos para as beijar, e enxugar-lhes as lágrimas com as suas mãositas e dizer-lhes que não chorem, porque ali são tão felizes...

\* \* \*

De manhã, os criados encontraram detrás do montão de lenha o cadáver gelado do pequenino, e o corpo de sua mãe morta noutro canto do porão. Os dois — já o sabeis agora — tornaram a encontrar-se na presença de Deus.

par, vinha um calor suave e árvores de incenso. Do palácio saíram anjos, voando; por ordem do menino, pegaram nos dois irmãos e levaram-nos para o meio das preciosas naves. Uma vez ali, calçaram os pésitos nus da irmãita com sapatos de ouro. Depois, vestiram os dois com vestidos resplandescentes, que se assemelham à túnica de anjo de outro menino.

— Então tu és o menino Jesus? — Sim, eu sou Cristo. Porque vos compadecesteis do menino pobre e esfarrapado, e partilhastes com ele a nossa pobreza; porque sois orfãos e passais fome e frio, entrai nos reinos dos céus e nele festejais o Natal.

Depois, levaram os meninos

Continua na pág. 9